

Literatura em tempos de pandemia: leitura e afeto em encontros literários

Literature in times of pandemic: reading and affection in literary meetings

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2022v40n85p77-92>

ALEXANDRA SANTOS PINHEIRO¹

CLARICE LOTTERMANN²

RESUMO: A Covid-19 esvaziou as salas de aula, isolou professores e estudantes e impulsionou uma reestruturação do processo ensino-aprendizagem. Neste artigo, promovemos um olhar para o lugar do texto literário nesse novo cenário. Mais especificamente, analisamos como o uso da tecnologia, outrora acusada de desfavorecer a leitura, tornou-se uma aliada para o processo de mediação da literatura. Para exemplificar o debate, destacamos dois grupos de encontros literários *online* denominados “Literatura entre amigas” e “Mulheres e literatura”. O primeiro, constituído por professoras e mães de diferentes cidades brasileiras; o segundo, por docentes da Educação Básica da cidade de Dourados-MS. Ao final, defendemos que a literatura tem permitido vivências literárias e trocas afetivas, demarcando um importante espaço de atuação em tempos de pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Encontros literários; pandemia; afeto.

ABSTRACT: The Covid-19 emptied as classrooms, isolated teachers and students and drove a restructuring of the teaching-learning process. In this article, it promotes a look at the place of literary text in this new scenario. More specifically, we analyze how the use of technology, once accused of disfavoring reading, has become an ally for the process of mediating

1. Universidade Federal da Grande Dourados - Dourados, MS – Brasil.

2. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Cascavel, PR – Brasil

literature. To exemplify the debate, we highlight two groups of online literary meetings called “Literature between friends” and “Women and literature”. The first consists of teachers and mothers from different Brazilian cities; the second, by teachers of basic education in the city of Dourados-MS. In the final, we argue that literature has allowed literary experiences and affective exchanges, demarcating an important space of action in pandemic time.

KEYWORDS: Literary encounters; pandemic; the affection.

EM TEMPOS BICUDOS, O QUE PODE A LITERATURA?

Iniciamos a escrita deste texto em maio de 2021, decorridos mais de um ano de pandemia de Covid-19. A pandemia trouxe algo positivo? NÃO! De jeito nenhum. Mas e os prognósticos segundo os quais as pessoas se tornariam melhores, seriam mais solidárias, pois submetidas às mesmas condições e incertezas? Pode até ser que alguns, sim, tenham se compadecido e se tornado mais humildes diante da vida. Mas temos acompanhado, perplexas, que muita gente ligou o botão do modo “quero mais é curtir enquanto eu posso”, uma compreensão no mínimo equivocada do bom e equilibrado *carpe diem*. Aprendemos alguma coisa com a pandemia? Sim, com certeza: conciliar horário integral de dona de casa, de mães acompanhando e dividindo computador com os filhos, com horário integral no trabalho virtual pela internet. É um tal de *live*, mensagem, zap, e-mails e muita pressão para dar conta de tudo. O que resta ao final do dia, geralmente, é o sentimento de vazio e de fadiga.

Não, definitivamente, não há nada de bom, nada de positivo advindo da Covid. Há, sim, modos de encarar o problema e tentar algumas saídas que nos permitam respirar e aliviar as tensões para poder seguir em pé. Foi o que fizemos. Obrigadas a dominar a tecnologia e a vencer as resistências quanto ao uso de ferramentas para aulas *online*, por que não aproveitar também este aprendizado para nos propiciarmos momentos de distensão pela leitura de textos literários, compartilhados com alegria, despreziosamente? Como mediadoras do texto literário, aprendemos a usar a tecnologia não apenas para abrir espaços de partilhas para nós, professoras, como também para nossos estudantes. Uma tecnologia que também evidenciou o que já sabíamos: os livros impressos estão compartilhando espaços com outros suportes de texto; assim, romances, contos e poemas foram comprimidos em arquivos de PDF, uma maneira de democratizar o acesso à leitura e de fazer valer o debate, a partilha de sentidos.

Roger Chartier, o historiador do livro, há algum tempo destaca a importância do mundo digital para o acesso irrestrito às obras: “[...] o mundo digital pode dar

realidade aos sonhos, nunca alcançados, que o precederam”. O mundo digital, para ele, pode ser comparado à biblioteca de Alexandria, que “promete a disponibilidade universal de todos os textos que foram escritos, de todos os livros que foram publicados” (CHARTIER, 2017, p. 19). De fato, em tempo de pandemia, o mundo digital foi imprescindível para superar o isolamento, fazendo-se espaço de encontro. Aliada a essa possibilidade tecnológica, a literatura cumpriu, nos grupos aqui mencionados e em tantos outros que se espalharam pelo Brasil/pelo mundo, as clássicas funções definidas por Antonio Candido, ou seja, amparou nosso psicológico, formou nossa percepção acerca de temas humanos importantes e permitiu o reconhecimento de nós mesmos em relação ao mundo, à diversidade (CANDIDO, 1972). Apesar de conscientes das correntes teóricas que envolvem o debate, foi sem maiores pretensões que formamos as duas comunidades de leitoras que comungam de anseios parecidos, sobretudo nestes tempos difíceis. E o que é uma comunidade de leitores? De acordo com o Glossário Ceale, trata-se de

[...] um grupo de pessoas que se reúne periodicamente para debater obras previamente acordadas, sugeridas ou não por um coordenador, muitas vezes uma pessoa de renome – por exemplo, um escritor. É frequente também o alerta para o fato de não se pretender, nesses encontros, discutir conhecimento acadêmico ou desenvolver análises textuais profundas. Tão simplesmente é uma modalidade mais ativa e social de promoção da leitura e do livro. Nos fundamentos dessa modalidade coletiva de leitura, alimentada pela cumplicidade, os participantes nem sempre detêm todos o mesmo conhecimento sobre o tema ou a obra. Nesse processo, encontram-se duas perspectivas: a natureza dos processos de construção de sentidos e a aprendizagem (DIONÍSIO, 2021, s.p).

Imersas em nossas casas e nos afazeres domésticos e profissionais, nossa comunidade leitora possibilitou trocas que seriam impossíveis sem a tecnologia. Ao propormos um diálogo a partir de textos literários, usando para isso as ferramentas disponíveis, criamos laços afetivos e interagimos com pessoas que, mesmo estando distantes fisicamente, se fizeram presentes e se tornaram um presente! Essa dinâmica reforçou em nós a convicção de que o texto literário merece ser desvincilhado do formato escolar que o reduz a uma série de perguntas estruturais. A sua importância, no momento do compartilhamento de leituras, deveria estar na oportunidade de pensar em temas diversos e de nos expressarmos livremente acerca deles. Afinal, como bem lembra Todorov,

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2009, p. 76).

As palavras de Todorov nos remetem às vivências que construímos, de forma remota, nesses tempos de pandemia. Tempos em que falar sobre o que nos incomoda, sobre ansiedade, mas também sobre pequenas e grandes alegrias, nos aproxima e permite que nos reconheçamos na dor e nos sonhos do outro. Portanto, como comunidade de leitores, compartilhamos experiências de vida e de leitura. Trazemos, para o texto literário, nossas percepções, e a partir delas elaboramos sentidos. E o fazemos sem o peso de uma literatura e de uma leitura institucionalizadas.

COM VOCÊS, O LEITOR!

Nas últimas décadas do século XX, as teorias orientadas para a recepção do texto literário passaram a valorizar a figura do leitor, enfatizando que a materialização de sentido de um texto se dá através da prática de leitura. Diferentemente de concepções teóricas em que a atenção se volta para o autor (considerado um ser dotado de genialidade, o que garante caráter original ao texto) ou que valorizam demasiadamente o aspecto estrutural, a Estética da Recepção pressupõe que o recebimento de um texto não deve ser “um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa” (JAUSS, 2002a, p. 80). Desse modo, atribui-se novo estatuto ao leitor e à leitura.

Essa relação entre texto e leitor começa a ser discutida a partir da década de 1960, momento em que surgem teorias que reivindicam a participação do leitor como elemento indispensável à compreensão do texto literário. Nesse cenário de transformações da crítica literária, Hans Robert Jauss apresenta, em 1967, na Universidade de Constança, Alemanha, os pressupostos teóricos da Estética da Recepção. Segundo Zilberman (2009), a conferência ministrada por Jauss – *O que é e com que fim se estuda história da literatura* – revela a sua intenção em desferir críticas à forma como a teoria literária aborda a história da literatura, a qual privilegia métodos de ensino tradicionais; destaca-se ainda na conferência o interesse do estudioso em inaugurar novas concepções de história da literatura.

Os princípios da Estética da Recepção também estão presentes nos estudos de Wolfgang Iser, contemporâneo de Jauss. Assim como seu colega, Iser publica, em 1975, o estudo *A estrutura do texto apelativo* e em seguida apresenta a sua teoria, denominada Teoria do Efeito. Essa concepção teórica visa analisar os efeitos da leitura de uma obra literária provocados no leitor, por isso considera-se que essa teoria tem caráter complementar àquela proposta por Jauss, podendo, por conseguinte, ser abordada de modo paralelo.

Segundo os preceitos da teoria de Jauss, o significado “da obra literária é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão-só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe [...] na multiplicidade de seus aspectos” (STIERLE, 2002, p. 120). Portanto, a obra é uma instância mutável devido à participação do leitor (sujeito sócio-histórico), e que não pode ser concebida sem essa relação de troca com o público. Eagleton (2006) salienta que o texto utiliza recursos, espécie de dicas, para que o leitor possa estabelecer sentido, uma vez que, sem a participação ativa do público, o texto não existe. Assim, compreende-se que o leitor ao qual Jauss se refere é aquele leitor concreto, situado historicamente no tempo e no espaço, que aceita ou nega uma criação artística, em uma época específica de uma determinada sociedade.

Para a Estética da Recepção, o leitor é fundamental, pois durante a leitura ele “concretiza” o texto ao atribuir significados que partem tanto de sua experiência individual quanto de influências culturais, sociais e históricas. Sendo assim, o leitor se desenvolve na medida em que se desloca por leituras de outros momentos históricos, ou ainda, cada vez que não fecha um livro ou desiste de lê-lo. Então, o texto se constitui como um universo que deve ser explorado a fim de incitar o leitor a imaginá-lo e interpretá-lo, conforme declara Iser:

Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. O próprio texto é resultado de um ato intencional pelo qual um autor se refere e intervém em um mundo existente, mas, conquanto o ato seja intencional, visa a algo que ainda não é acessível à consciência. Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. Pois não importa

que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem – e, daí, modificam – o mundo referencial contido no texto (ISER, 2002, p. 107).

A relação dialógica que se estabelece entre leitor e texto é ampliada na medida em que diferentes leitores trocam impressões e elaboram sentidos a partir da leitura de textos a que todos tiveram acesso. Situações nas quais as pessoas se predis põem a compartilhar e ampliar suas interpretações de textos literários permitem que a comunidade de leitores se consolide e seja difundida nos mais diversos contextos, a exemplo dos que exporemos a seguir.

ENCONTROS DE LEITURA: SENTIDO E AFETO

A instituição escolar, de modo geral, vinha, nos últimos anos, demonstrando preocupação com o uso de celulares, acusados, por muitos professores, de serem os responsáveis pelo desinteresse dos jovens pelos estudos. Dessbesell e Fruet (2012, p. 42) destacaram essa crise entre literatura e tecnologia, mas também alertaram que “[...] essa crise pode apresentar dois polos antagônicos: o do perigo e o das oportunidades”. O perigo de se fechar em práticas pedagógicas desconexas com a realidade atual, com os anseios dos jovens e das crianças.

Ao pensar sobre a relação entre livro e tecnologia, Eliane Yunes lembra que a própria “revolução da escrita” provocou alteração na maneira com que o sujeito interagia com o mundo, mas, por outro lado, ela não eliminou “as práticas preexistentes”. A concorrência entre a leitura literária e tecnologias digitais, portanto, não deveria ser temida: “o cinema não matou o livro, apesar dos temores” (YUNES, 2002, p. 16). E nós complementamos: a internet, os computadores, tablets e celulares não eliminam a literatura, ao contrário, podem ser aliados para a sua difusão. Preferimos, assim, nos ater às “oportunidades” destacadas por Dessbesell e Fruet, lembrando que, no processo ensino-aprendizagem (ou na partilha de leituras-conhecimentos), prevalece o “modo como se estabelece a relação entre o conteúdo, a disciplina, o afeto e o processo de aprender” (PROVENZANO; WALDHELM, 2009, p. 24).

O historiador do livro e os teóricos da leitura citados aqui, de diferentes formas, puderam ver as suas concepções confirmadas neste contexto da pandemia. A tecnologia foi essencial para que a escola chegasse até seus estudantes e familiares. Ela escancarou, inclusive, uma desigualdade há muito tempo presente: a do acesso a este bem de consumo. Em muitas casas, um único celular foi compartilhado por

todos os estudantes da família. Alguns precisavam esperar até que seus pais voltassem do trabalho para poder iniciar as tarefas solicitadas pelos professores. Samantha Hassen Borges e Vera Lopes da Silva, em reportagem na revista *Carta Capital*, recuperaram os dados do IBGE 2018 para comprovar, com números, que a atual política brasileira não considerou essa desigualdade para estabelecer um plano de ação em relação aos estudantes das escolas públicas: “neste momento de pandemia, ao não possibilitar aos jovens e às crianças o mesmo acesso ao estudo à distância, o governo brasileiro acentua sua negligência em relação às classes desfavorecidas e afronta verdadeiramente a Constituição de 1988” (https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/um-olhar-para-a-desigualdade-escolar-em-tempos-de-pandemia/#_ednrefio). Acesso em: 19 de junho de 2021).

Este é um tema que merece receber atenção especial por nos obrigar a pensar em políticas que minimizem os danos que a pandemia causou à educação brasileira. Além disso, como destacamos aqui a importância das tecnologias digitais para a mediação do texto literário no contexto de isolamento social provocado pela pandemia do Covid-19, não poderíamos nos eximir de lembrar que enfrentamos uma realidade de penúria da educação brasileira. Comemorar a oportunidade de partilhar textos literários e, assim, amenizar o isolamento a que fomos levados, exige de nós a franqueza de lembrar que muitos estudantes das escolas públicas brasileiras foram colocados ainda mais à margem do processo de aprendizagem pela ausência das ferramentas necessárias para acompanhar o diálogo entre escola-professores-alunos-família. Dito isso, passemos a nos ater “às oportunidades” do encontro, da aprendizagem e do afeto que a literatura nos permitiu por meio das mesmas tecnologias que geraram crises no contexto escolar.

Em agosto de 2020, cansadas do isolamento, em meio a dias incertos e angustiadas com o que se avizinhava, um grupo de professoras e de mães criou uma comunidade de leitoras. Com encontros quinzenais, mulheres-profissionais passaram a pausar as suas atividades para partilhar uma leitura e analisá-la em diálogo com a vivência de cada uma. Quase um ano depois de iniciado esse grupo, nasceu uma segunda comunidade, desta vez a partir de uma ação institucionalizada. A proposta do projeto de extensão “Mulheres e Literatura: diálogos contemporâneos” passou a oferecer encontros de leituras literárias para profissionais da Educação Básica da cidade de Dourados-MS. Inicialmente, abrimos 30 vagas e, diante da procura, estendemos a todas as pessoas interessadas. Ao final, este segundo grupo totalizou cerca de 80 participantes.

Em ambas as vivências, os grupos de leitores provaram que a literatura – que ao longo da história da educação veio perdendo o espaço que merece³ – atua como mediadora de sentidos e de afetos. Estes encontros, atravessados pela tela dos computadores e de celulares, também nos transportam aos quintais de um passado em que toda uma comunidade se reunia para ouvir aquele que tinha a função de leitor proceder à leitura das notícias ou de uma literatura trazida em forma de *folhetim*. Impossível não trazer duas imagens de leitores presentes na literatura brasileira, uma situada no século XIX e a outra no século XX. Na primeira, retirada da obra *Como e porque sou romancista*, nota-se como a leitura envolve os presentes, chegando a provocar fortes emoções nos que ouvem e nos que leem o texto:

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra. Muitas vezes, confesso, essa honra me arrancava bem a contragosto de um sono começado ou de um folguedo querido; já naquela idade a reputação é um fardo e bem pesado. Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido. Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio. Com a voz afogada pela comoção e a vista empanada pelas lágrimas, eu também cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas⁴ (ALENCAR, 1990, p. 25).

A segunda cena que merece destaque é a de Zélia Gattai, cuja memória desenha um universo feminino marcado pelas artes manuais e pelo interesse por folhetins:

À tarde, não havendo outros compromissos, dona Angelina reunia em sua casa algumas vizinhas interessadas em romances de folhetim. Aproveitavam a ocasião para fazer tricô

3. No Mato Grosso do Sul, desde 2017, a Literatura foi inserida nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio, assim como já ocorria com o Ensino Fundamental.

4. Fragmento extraído da versão disponível no Domínio Público (<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000311.pdf>. Acesso em: 8 de abril de 2019).

e crochê, enquanto ouviam a leitura dos fascículos novos. Encarregadas da leitura, as filhas mais velhas de dona Angelina sabiam como ninguém dar ênfase às frases no momento preciso. Quatro fascículos eram comprados por semana e as duas jovens se revezavam: dois para cada uma (GATTAL, 2008, p. 105).

As cenas recuperam momentos em que o texto literário, fora das exigências formais que a instituição escolar preconiza, faz sentido para grupos de pessoas formadas por sujeitos diversos: os alfabetizados e os não alfabetizados. Portanto, partilhada em momentos de descontração, a literatura pode emocionar e favorecer, na partilha de sentimentos comuns, o processo de identificação. Aqueles que leem e que ouvem se sentem integrados pelas sensações e memórias despertadas a partir do texto literário. Em contrapartida, ao atravessar os muros que levam às salas de aula, a literatura se transfigura em escolas literárias, datas, estrutura e exemplos a serem seguidos. Muitos professores se alegram quando encontram obras que possam auxiliá-los a discutir temas como o meio ambiente e o comportamento ético, ou que se configurem como bons exemplos de escrita. No Ensino Médio, o texto literário cede espaço à preocupação com o vestibular e, em função dele, um excesso de conteúdo precisa ser memorizado.

Em tempos de pandemia, já não há mais um único leitor no quintal da casa ou em uma elegante sala de recepção que lê para os ouvintes que não tiveram acesso à aprendizagem das primeiras letras. A cena está substituída por um conjunto de pessoas reunidas a partir de seus aparatos tecnológicos, formando uma comunidade de leitores que procura se conectar a partir da leitura de um texto literário, deixando fluir a memória das coisas vividas e sentidas. Os dois espaços de leituras promovidos por nós, portanto, uniu leitores de literatura, rompeu o confinamento a que fomos lançados e amenizou a solidão. A tecnologia, tantas vezes tomada como vilã do processo ensino-aprendizagem, foi o meio utilizado para que a literatura integrasse vidas e promovesse debates.

O primeiro clube literário *online* foi formado por um grupo de dez mulheres, heterogêneas nas profissões, professoras, donas de casa e psicóloga aposentada, residentes em diferentes cidades brasileiras: Porto Velho-RO, Marechal Cândido Rondon-PR, Dourados e Campo Grande-MS, São Paulo e Rio de Janeiro. Decidimos nos encontrar para ler um texto literário e conversar “a partir” dele. Denominado como “Literatura entre amigas”, os encontros quinzenais, com aproximadamente duas horas de duração, não têm o propósito de proceder a uma análise literária, pelo contrário; a conversa é iniciada a partir da literatura, mas termina sempre se expandindo para a vida cotidiana de suas integrantes. A literatura é tomada nesses

encontros como tradutora de sentimentos e promotora de espaço para a expressão de angústias, de incertezas e para a mobilização do processo memorialístico. Para as reuniões, a escolha do texto a ser lido é realizada por uma das integrantes. Geralmente, a opção recai sobre textos mais curtos (contos e crônicas), para que todas tenham condições de ler o texto antes do encontro. Este processo, sem dúvida, já está impregnado pela subjetividade de quem decide qual leitura literária guiará o olhar do grupo. Um dos primeiros textos debatidos foi “Fita verde no cabelo”, publicado por Guimarães Rosa no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, em 1964, três anos antes de sua morte. A mulher-amiga que escolheu a leitura não o fez apenas por sua admiração pelo escritor Guimarães Rosa. Também foi a possibilidade de pensar o processo de amadurecimento que a instigou: “Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: — ‘Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...’ Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo” (ROSA, 1985, p. 67).

Neste dia, a memória de cada uma foi avivada e as metáforas do lobo e da morte ganharam novos significados. Na condição de mulheres adultas, reunidas pelo prazer da leitura literária e sem o compromisso institucional da leitura, foi possível o desabafo, as confissões, o choro e o riso. Esses encontros poderiam ser realizados sem a mediação do texto literário? É claro; no entanto, sem esse processo da escolha individual da leitura e da partilha coletiva dos sentidos, o espaço de troca não teria o mesmo efeito. Guimarães Rosa e sua escrita complexa foram recebidos sem a cobrança de se chegar a uma interpretação acadêmica e, assim, a densidade de seu enredo foi compartilhada pela complexidade da própria vida

A temática da sexualidade e das opressões paternas, por exemplo, foram mediadas pela leitura do conto “Olhos de Cacimba”, de Jarid Arraes. Dessa forma, uma jovem escritora proporcionou a leitoras de mais de quarenta anos uma reflexão sobre os *tabus* que alicerçaram as relações que elas aprenderam a ter com seu próprio corpo. Pensar na heteronormatividade com a qual fomos educadas foi um desafio. Nós, sujeitos constituídos pelos discursos, tememos ser segregadas dos ambientes com os quais nos relacionamos: igreja, família, trabalho. O ambiente proporcionado pela leitura, ao contrário, abriu espaço para a partilha de sentimentos e segredos abafados. Por ser inviável trazer aqui todos os textos que já foram mediados nos encontros *online*, o que fazemos é recompor imagens apreendidas no momento da leitura. E, assim, não é possível deixar de lembrar da partilha da crônica “O exílio”, do livro *A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum.

Um lar de idosos e as suas duas moradoras guiaram nossa conversa, que, inevitavelmente, terminou destacando o medo do futuro, do encontro com a velhice, da solidão e do abandono. Neste tecer de memórias, recuperamos também aqueles que nos precederam e a maneira como eles vivenciaram à espera da morte. A maioria das mulheres que participa do clube não se conhece pessoalmente. Ainda assim, este espaço digital assegura a intimidade e a confiança necessária para pensar a literatura a partir da vida e a vida a partir das imagens literárias.

Dos encontros despreziosos, passamos a refletir sobre um projeto de roda de leitura institucionalizado. O projeto de extensão “Mulheres e Literatura: diálogos contemporâneos”, submetido em conformidade ao EDITAL PROEX Nº 62 DE 02 DE DEZEMBRO DE 2020, delimitou o público, professoras e professores da Educação Básica da cidade de Dourados, e os objetivos: discutir a temática da igualdade de gênero a partir da análise de textos literários escritos por mulheres. Neste projeto de extensão, os mediadores foram três mestrandas, dois estudantes de Iniciação Científica e a orientadora. Os textos literários, também selecionados a partir dos gêneros mais curtos (contos, crônicas, poemas) foram escolhidos por este grupo, movido pelo propósito de discutir a temática das relações de gênero a partir de textos de autoria de mulheres. Mais uma vez, fez-se visível a busca por um espaço de convívio. Os encontros ocorreram quinzenalmente. A sala era criada com antecedência pela mediadora da noite. Inicialmente, a mediadora tecia algumas considerações acerca da autora e do texto literário e abria o espaço para que as professoras envolvidas pudessem partilhar as suas ideias. Iniciamos os encontros com a presença de quase oitenta professoras e terminamos com quase sessenta.

O projeto foi previsto para atender apenas os docentes e técnicos de uma escola do Ensino Fundamental da cidade de Dourados. Mas, ao final, docentes de outras instituições solicitaram o ingresso, culminando em um total de quase oitenta pessoas inscritas. No primeiro dia de encontro, sobressaiu o desabafo em relação à situação de isolamento vivenciada em tempos de pandemia e o desejo de fazer parte de um coletivo. O texto que inaugurou o projeto foi “Qual é a sua história”, de Eliane Brum. Ao final do texto, a escritora lembra que cabe a cada um escolher a forma como vai se relacionar com a sua história:

5. O texto pode ser encontrado no site <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI100705-15230,00-QUAL+E+A+SUA+HISTORIA.html>. Acesso em: 8 de junho de 2021.

Qualquer um pode escolher como olhar para si mesmo. Todo homem e toda mulher contêm em si pelo menos dois espelhos: um deles o reflete como silhueta sem rosto definido, manchado na multidão, destituído de importância; o outro o revela único, singular, um evento histórico irrepetível. É o mesmo homem ou mulher que pode olhar apenas para o chão e se identificar com a meleca que cola nos seus sapatos ou olhar para cima e se reconhecer na matéria das estrelas.

[...]

De certo modo, temos todos a escolha de ser Cheherazade, a moça esperta das mil e uma noites, que decidiu contar histórias para manter a narrativa da sua própria. Ou podemos ser todas as moças não muito espertas que perderam a cabeça antes dela porque deixaram que o sultão decidisse o fim da sua história (BRUM, 2009).

O tempo de duração do encontro, uma hora e meia, foi pouco para as mais de setenta histórias fragmentadas na tela do *google meet*. Impossível foi falar do texto sem remeter às memórias individuais. As imagens tecidas por cada participante que abriu o microfone para se expor causaram emoção. Mesmo aqueles cuja timidez não permitiu a partilha, fatalmente construíram consigo mesmo a ponte entre o texto lido e a sua história de vida. Por outro lado, é preciso destacar que esse encontro inaugural também trouxe alguns desafios. Apesar do esforço dos organizadores em promover um espaço descontraído, foi notória a dificuldade de alguns para expressar seus pensamentos em relação à leitura ou mesmo para abrir a câmera para se apresentar. Uma das professoras participantes chegou a dizer que era difícil falar o que pensava porque tinha medo de errar: “não tenho muito contato com literatura”. Outra participante, ao invés de falar de si ou da impressão de leitura, pediu a palavra para confirmar a carga horária que viria no certificado. Uma terceira saiu da sala do *meet* chateada porque uma colega falou mal do atual presidente do Brasil. Antes, porém, escreveu no *chat* que “pensei que era para ler literatura e não falar de política”. Infelizmente, ela não nos deu tempo de lembrar que ao longo da história da humanidade, a literatura, oral ou escrita, serviu de instrumento de resistência, de memória e de identidade.

A literatura, nesta comunidade de leitores formada por docentes, encontra dificuldade para fugir das amarras institucionais. Ainda assim, seguimos com os encontros quinzenais e houve, até agora, pouca evasão. Algumas vezes, depois que a partilha termina, algumas pessoas ficam na sala, querem conversar com menos pessoas porque sentem vergonha de se expressarem diante de muita gente. Foi assim, por exemplo, no dia em que lemos o texto “O departamento feminino do

clube”, pertencente à coletânea *Vento ventania vendaval*, de Helena Parente Cunha. A mediação foi acompanhada por quase sessenta e cinco pessoas e a leitura conduziu esses participantes à intimidade de seus lares; mais uma vez, as vivências individuais se entrelaçaram, formando um coletivo de mulheres que desabafaram sobre a ausência de um companheiro que dividisse as tarefas domésticas, sobre separações e a respeito de uma infância marcada por um discurso que naturalizou como atributo da mulher o trabalho realizado dentro do lar.

Depois que nos despedimos, em torno de oito mulheres permaneceram na “sala”. Elas queriam falar conosco, agradecer pelo texto, lembrar do quanto foi difícil a separação... do quanto é complicada a vida no lar... trouxeram para a conversa a educação rude que receberam, os sonhos desfeitos diante de homens truculentos. Mas elas também falaram das libertações, das conquistas diárias, do encanto em poder contar com este espaço de literatura e de acolhida: “professora, este projeto salvou a minha vida”. A professora que disse isso é separada, mora sozinha, longe dos filhos e em depressão. Seguramente, o que a salvou foi o conjunto de elementos que constituem a comunidade de leitores: bons textos literários, pessoas abertas a refletir, a falar e a ouvir e o sentimento de pertencimento a um grupo.

Por último, gostaríamos de citar aqui o encontro mediado pelo conto “Laços de família”, de Clarice Lispector. Mais uma vez, o debate foi caloroso e, especialmente neste dia, as pessoas participantes se concentraram por muito tempo no enredo clariciano. A relação familiar foi esmiuçada a partir da relação entre Catarina e a mãe, Catarina e o filho, Catarina e o marido. Catarina ganhou defensores que esperavam que ela não voltasse mais para casa. Antonio, o marido, foi julgado por seu egoísmo e prepotência. Uma professora disse que Clarice não era uma escritora que lhe despertava interesse, mas que o texto lhe trouxe a memória de sua mãe, dos desafios no relacionamento, do casamento feito como um meio de se afastar da casa materna. Ao final, cansada do relacionamento abusivo, reencontrou-se na mesma casa materna. Desta vez, com uma mãe mais acolhedora e mais humana. A epifania da personagem Catarina acendeu nesta leitora a memória de sua própria trajetória, assim como despertou, também nos demais, outras imagens de afeto, de indignação e de encantamento.

HÁ CONCLUSÃO? NADA COMO UM TEXTO APÓS O OUTRO...

A discussão sobre a crise da leitura literária no Brasil foi sistematizada em livro por Regina Zilberman no final da década de 80 do século XX e também foi ela uma das

autoras a propor, em 2009, um retorno ao tema, oferecendo novas alternativas para abordá-lo: *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. A pandemia, de fato, ampliou a crise da educação brasileira, evidenciando, ainda mais, a distância entre a educação pública e a privada em um país em que a Educação é apenas uma das tantas outras frentes de desigualdade que deveriam ser combatidas. Ainda assim, neste artigo, demonstramos que o texto literário resiste a tudo aquilo que parece ser o seu algoz.

A partir de uma tela digital, é possível criar laços e afetos, discutir e analisar temas difíceis, rir e chorar. Tudo o que é preciso é um bom texto que permita ao leitor adentrar, com suas experiências e sua bagagem, num diálogo constante do ficcional com o real. A tecnologia, por tantas vezes acusada de furtrar a atenção e a dedicação dos estudantes, mostra-se essencial para que o conhecimento seja mediado/partilhado/experimentado. Como afirmamos no início deste texto, a pandemia não trouxe nada de bom. Ela interrompeu vidas, deixou órfãos e saudades. Por outro lado, depois dela nosso olhar para o ensino-aprendizagem, em especial para a literatura, não poderá ser mais o mesmo. Não agregar a tecnologia à nossa prática docente será impossível.

Da mesma maneira, as comunidades *online* de leitura seguirão ativas porque percebemos que as salas digitais, aliadas à literatura, já se consagraram como um espaço possível para a partilha de sentidos e o avivamento de memórias. Pela tela do computador ou do celular fronteiras geográficas são rompidas, amizades são iniciadas ou aprofundadas, texto após texto. Ininterruptamente, a literatura se ajusta às novas exigências, demarcando a sua importância para nos ajudar a viver mais efetivamente a vida.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Samantha Hassen; SILVA, Vera Lopes da. Sororidade em pauta: um olhar para a desigualdade escolar em tempos de pandemia. **Carta capital**. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/um-olhar-para-a-desigualdade-escolar-em-tempos-de-pandemia/#_ednrefio. Acesso em: 19 de junho de 2021).
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Ciência**, São Paulo, setembro de 1972, v. 24 (9).
- CHARTIER, Roger. Novas tecnologias e a história da cultura escrita. Obra, leitura, memória e apagamento. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 35, n. 71, p. 17-29, 2017. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/628/397>. Acesso em: 3 de agosto de 2021.
- DESSBESELL, Daiane Luza; FRUET, Fabiane Sarmiento Oliveira. O potencial do hipertexto para o ensino-aprendizagem da leitura. **Temporis (ação)**, v. 12, n. 01, p. 49-59, jan./dez. 2012.
- DIONÍSIO, Maria de Lourdes. **Comunidades de leitores**. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE). 120 Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em: <http://www.ceale>.

- fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/comunidades-de-leitores. Acesso em: 16 junho de 2021.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GATTAL, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. 40. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008
- ISER, Wolfgang. O Jogo do texto. *In*: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.
- JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: Colocações Gerais. *In*: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Trad. de Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a. p. 67-84.
- JOSÉ DE ALENCAR. **Como e porque sou romancista**. Campinas: Pontes, 1990.
- PROVENZANOS, Maria Esther; WALDHELM, Mônica Vieira. **Didática**. Curso de especialização em Educação Tecnológica – Módulo IV. Rio de Janeiro: Cefet/RJ, 2009.
- ROSA, Guimarães. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais? Trad. Luiz Costa Lima. *In*: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 119-165.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- YUNES, Eliana L. M. **Pensar a leitura**: complexidade. Edições Loyola, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2009.

SOBRE AS AUTORAS

Alexandra Santos Pinheiro é licenciada em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999), mestra em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002) e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2007). Pós doutora pela Universidad de Jaen-España (2012-2013). É professora adjunta da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados, onde atua como professora da graduação e do Programa de Pós Graduação em Letras. Suas pesquisas e publicações estão voltadas, principalmente, aos temas: Literatura e gênero; História da Leitura e Ensino da Literatura. Participa dos grupos de pesquisas NÚCLEO DE ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURAIS, CENTRO DE ESTUDOS EM ENSINO, LEITURA, LITERATURA E ESCRITA-CEELLE, ambos da UFGD, e POÉTICAS DO IMAGINÁRIO E MEMÓRIA-UNIOESTE. Quanto aos trabalhos de extensão, atua na Formação Continuada de Professores, com ênfase no Letramento Literário. Atualmente, coordena o subprojeto

de PIBID Leitura, Escrita e Reescrita de gêneros de textos: ações de Letramento entre alunos(as) dos ensinos Fundamental e Médio.

E-mail: alexandrasantospinheiro@yahoo.com.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4119-4740>.

Clarice Lottermann é graduada em Letras (Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon/Universidade Estadual do Oeste do Paraná), tem Mestrado em Letras – Estudos Literários (Universidade Federal do Paraná) e Doutorado em Estudos Literários (Universidade Federal do Paraná). É professora/pesquisadora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Tem experiência na área de Literatura infantil e juvenil, literatura e ensino, letramento literário.

E-mail: clalottermann@hotmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6184-8297>.

Recebido em 21 de agosto de 2021 e aprovado em 25 de agosto de 2022.